



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS**

**NAYRA REGILCA SOARES DOS SANTOS**

**MANIPULAÇÃO E SILÊNCIO DISCURSIVO EM LOLITA, DE VLADIMIR  
NABOKOV**

**CARAÚBAS/RN**

**2021**

NAYRA REGILCA SOARES DOS SANTOS

**MANIPULAÇÃO E SILÊNCIO DISCURSIVO EM LOLITA, DE VLADIMIR  
NABOKOV**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Felipe Martins Pone

CARAÚBAS/RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S237m Santos, Nayra Regilca Soares dos.  
MANIPULAÇÃO E SILÊNCIO DISCURSIVO EM LOLITA,  
DE VLADIMIR NABOKOV / Nayra Regilca Soares dos  
Santos. - 2021.  
39 f. : il.

Orientador: Pedro Felipe Martins Pone .  
Monografia (graduação) - Universidade Federal  
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Inglês,  
2021.

1. Lolita. 2. Discurso. 3. Silêncio . 4.  
Manipulação. I. , Pedro Felipe Martins Pone,  
orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da Instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

NAYRA REGILCA SOARES DOS SANTOS

**MANIPULAÇÃO E SILÊNCIO DISCURSIVO EM LOLITA, DE  
VLADIMIR NABOKOV**

Monografia apresentada à Universidade  
Federal Rural do Semi-Árido como  
requisito para obtenção do título de  
Licenciado em Letras.

Caraúbas, 25 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Pedro Felipe Martins Pone, Prof. Dr. (UFERSA)  
Presidente



---

Monaliza Rios Silva, Profa. Dra. (UFAPE)  
Membro Examinador



---

Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva, Profa. Dra. (UFERSA)  
Membro Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me guiado e protegido durante toda a minha vida e principalmente nesse período da graduação.

Agradeço a minha Mãe, Maria Neiry, que com sua simplicidade e honestidade, me fez melhor. Você é a razão da minha vida e de todas as minhas conquistas.

Agradeço a minha avó, Maria Viana, pois sem a sua força de vontade nossa família nunca teria chegado tão longe. Obrigada por me ensinar como lutar pelos meus sonhos e por me mostrar o valor das coisas reais. À senhora todo o meu amor.

Agradeço aos meus pais de coração, Josean e Rayany, pois graças a vocês eu sei o que o amor e a compaixão podem fazer na vida das pessoas. A vocês minha eterna gratidão.

Agradeço aos meus irmãos, Sara, Jedson e Esther, por me ensinarem a amar e a lutar pelos meus sonhos.

Agradeço aos meus primos, Vitor e Vinicius, por sempre estarem comigo em todos os momentos, metade do meu coração pertence a vocês dois.

Agradeço a toda minha família pelo suporte e por sempre apoiarem os meus sonhos. Em especial, gostaria de agradecer a minha avó, minhas tias, meus tios e meus primos. A vocês, todo meu amor e agradecimento.

Agradeço ao meu orientador, Pedro Pone, por me orientar da melhor maneira possível, com paciência e incentivo ao longo de todo o percurso deste trabalho.

Agradeço a maior preciosidade que a UFERSA me deu, Samuel Alex, eu não quero nunca descobrir como é passar pelos momentos difíceis sem ter você por perto.

Agradeço aos meus colegas de curso, especialmente ao meu grupinho: Bruna Targino, Bruna Beatriz, Vitória Albuquerque, Ana Victoria, Letícia Sales, Letícia Forte e Larissa Paiva, pelas risadas, companheirismo e afeto durante todo o curso. Sem vocês eu não teria chegado tão longe, a faculdade ficou leve graças a vocês.

Agradeço ao meu namorado, Thales, pela paciência, pelo encorajamento e por nunca ter aceitado minha ideia de largar a graduação.

Agradeço ao meu grande amigo, Vinicius Saraiva, por ser minha ancora ao longo da adolescência e agora na vida adulta.

Agradeço a todos os professores da graduação, por contribuírem para o meu processo de aprendizagem e fazerem parte da minha formação.

Agradeço a banca examinadora por colaborar para o aperfeiçoamento do meu trabalho com as críticas, comentários e sugestões.

A todos e todas, muito obrigado!

*Uma alma na sombra da ignorância comete um pecado? A culpa não é de quem o faz, mas de quem provocou a sombra.*

Os Miseráveis

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo a respeito da obra *Lolita*, de Vladimir Nabokov, a partir de uma análise do personagem Humbert Humbert e como a sua narração é coberta de manipulação e silêncios discursivos. Argumentaremos que o narrador do romance usa sua habilidade persuasiva para criar empatia com o leitor, silenciando aquilo que o desfavorece. As leituras de Orlandi (2007), Foucault (2020), Barthes (1981) e Connolly (2009) serão utilizadas para guiar nossas discussões.

**Palavras-chave:** *Lolita*. Manipulação. Discurso. Silêncio. Vladimir Nabokov.

## ABSTRACT

The work here presented aims at developing a study about Vladimir Nabokov's *Lolita*, analyzing how Humbert Humbert's narrative perspective is full of discursive manipulations and silences. The novel's narrator uses manipulative skills to create empathy with the reader, silencing what would be unfavorable to his point of view. The readings of Orlandi (2007), Foucault (2020), Barthes (1981) and Connolly (2009) will be used to guide our discussions.

**Keywords:** Lolita. Manipulation. Discourse. Silence. Vladimir Nabokov.

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....                                                                      | 10 |
| CAPÍTULO I: PRIMEIROS DIÁLOGOS .....                                                             | 12 |
| 1.1. Sobre a paixão e desejo na obra Lolita.....                                                 | 12 |
| 1.2. Manipulação e silenciamento do narrador.....                                                | 16 |
| CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE DA MANIPULAÇÃO DISCURSIVA DO NARRADOR:<br>HUMBERT HUMBERT E O DITO..... | 20 |
| CAPÍTULO 3: ASPECTOS DISCURSIVOS: O SILÊNCIO COMO SIGNIFICANTE NA<br>NARRAÇÃO.....               | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                        | 37 |
| REFERÊNCIAS.....                                                                                 | 38 |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura é um universo cheio de possibilidades que permite ao escritor fazer qualquer tipo de relato sobre a natureza humana ao utilizar as mais diversas formas de escrita e gêneros literários. Com isso abre-se uma gama de alternativas aos que resolvem se aventurar como escritores. Grandes obras por mais que já sejam consideradas clássicos pela crítica especializada não deixam de ganhar novas interpretações e análises pelos estudiosos, visto que, a ficção tende a estar sempre em diálogo com a percepção das coisas na vida real. Em *Por que ler os clássicos*, o escritor Ítalo Calvino (2007) disserta que os livros clássicos nunca devem deixar de ser lidos e relidos visto que eles seguem relevantes apesar do tempo e continuam tendo algo a dizer ao leitor. Sendo assim a obra *Lolita*, de Vladimir Nabokov ganha fama no meio literário por conta de sua temática polêmica e que permanece relevante mesmo após 65 anos da sua publicação, pois sua escrita sofisticada, a narrativa dúbia e sua temática ainda precisam ser discutidas pelos mais diversos meios de análise.

Para investigar os possíveis significados que podem ser obtidos do romance *Lolita*, os estudos da manipulação e do silêncio se fazem necessários neste TCC. De acordo com Orlandi (2007), o estudo do silêncio mostra um processo duplo na produção de sentidos já que o não dito é tão importante quanto o que é dito. Nesse romance de Nabokov, o discurso do narrador é cheio de ambiguidades e silêncios discursivos significativos, o que faz de *Lolita* um excelente material para estudiosos que querem pensar o silêncio como objeto.

Já que a perspectiva narrativa de Dolores Haze é inexistente cabe a essa pesquisa analisar o que foi dito e o que foi silenciado por Humbert de maneira a criar uma narrativa tão intrigante que põe o leitor em uma condição de empatia com um narrador criminoso e moralmente questionável.

Compreender o discurso manipulativo presente na obra *Lolita* é essencial para validar as relações existentes entre os personagens principais e de como os fatos narrados ocorrem. E é nesse discurso rodeado de incertezas que vai se encontrar a unilateralidade das relações e dos sentimentos descritos pelo narrador que fala ao leitor apenas do seu ponto de vista. Consequentemente, analisar os discursos em

*Lolita* se faz necessário, uma vez que, se trata de uma obra manipulativa e cheia de duplos significados que para serem melhor compreendidos tem que ser discutidos e analisados academicamente. Para cumprir nossos objetivos, este trabalho está dividido da seguinte maneira:

**CAPÍTULO I: PRIMEIROS DIÁLOGOS:** nesse capítulo se encontra toda a fundamentação teórica da pesquisa, no que diz respeito aos temas de paixão, desejo e silêncio, um panorama sobre autor e obra e uma visão geral da temática abordada ao longo do TCC.

**CAPÍTULO II: UMA ANÁLISE DA MANIPULAÇÃO DISCURSIVA DO NARRADOR: HUMBERT HUMBERT E O DITO:** no segundo capítulo, discorreremos sobre a manipulação no discurso do narrador e como o que Humbert diz é de suma importância para montar a personalidade do narrador e dos personagens com os quais ele se relaciona, principalmente Dolores. É graças ao que é dito que o leitor pode juntar provas de que a relação de Lolita e Humbert não é consensual, ainda que sejamos induzidos a ver uma espécie de igualdade entre os dois protagonistas.

**CAPÍTULO III: ASPECTOS DISCURSIVOS: O SILÊNCIO COMO SIGNIFICANTE NA NARRAÇÃO:** no último capítulo temos o que Humbert deixa a cargo do silêncio como forma de maquiar a relação tóxica que ele tem com Dolores. É analisando o que Humbert deixa de narrar que se pode perceber o quão silenciada é Lolita e como o relacionamento dos dois é bem mais perigoso do que Humbert quer que o leitor ache.

## CAPÍTULO I

### PRIMEIROS DIÁLOGOS

#### 1.1 Sobre a paixão e desejo na obra *Lolita*

Tanto a filosofia quanto a psicanálise discorrem sobre os sentimentos que afligem a humanidade e no presente estudo, vamos seguir em parte pelo caminho psicanalítico e foucaultiano para entender como a paixão e o desejo podem ser interpretados em *Lolita*. Dessa maneira, veremos a importância de se compreender essas emoções para se ter um panorama maior da magnitude da obra dentro de análises sobre os discursos silenciados e manipulados.

O desejo sexual não precisa obrigatoriamente surgir através do sentimento amoroso e o sexo pode apenas ser resultado de uma atração física entre indivíduos que estão em busca de prazer. No entanto, ao longo dos séculos os grupos políticos e a religião, por intermédio dos seus poderes, impuseram à sociedade o matrimônio heterossexual como o principal caminho para desenvolver a sexualidade, uma vez que a função da relação sexual deveria ser unicamente reprodutiva. Michel Foucault discorre sobre isso ao longo dos três volumes de *História da Sexualidade*. No primeiro volume desse estudo ele faz um levantamento sobre os hábitos sexuais e como esses hábitos são vistos pela sociedade. De acordo com Foucault:

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois é parte real e ameaçada desse corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 2020, p.169)

O pensador francês entende o sexo como chave para se obter conhecimento sobre si próprio, por isso, o discurso atrelado à sexualidade precisa ser estudado e analisado. E isso faz com que a narração de Humbert Humbert, em *Lolita*, seja essencial para análise dos sentimentos amorosos dele em relação a Dolores Haze. A sexualidade de Dolores também está aberta a análise na narrativa, visto que, ela é

parte ativa nesse relacionamento e também busca o afeto de Humbert por diversas vezes. Logo, enquanto Dolores estaria em um período de descoberta de si mesma, já que, é apenas uma criança de 12 anos, Humbert, como adulto, já seria capaz de ser consciente sobre seus desejos.

Sentimentos como amor e desejo vem sendo discutidos ao longo da existência humana por teóricos, médicos, políticos, romancistas, cineastas etc. Nabokov se soma a tal grupo ao trazer um enredo que nos coloca em suspensão moral e culpa, por se tratar da história de um homem criminoso e doentio, mas capaz de gerar imensa empatia com suas palavras. *Lolita* é um romance construído por uma narração em primeira pessoa para dissecar os sentimentos amorosos que Humbert sente por Dolores e como a relação dos dois se desenrola apesar das adversidades da situação.

A relação amorosa dos dois personagens principais é trabalhada na obra de maneira bastante poética, Nabokov veicula através de Humbert uma escrita esteticamente elaborada e isso faz com que a leitura se torne mais prazerosa ao público que, dessa forma, vai conseguir se relacionar melhor com a situação vivida pelo narrador. No primeiro capítulo, Humbert já se refere a Lolita de maneira bastante apaixonada e devotada: “Lolita, luz da minha vida, fogo da minha carne. Minha alma, meu pecado. Lo-li-ta: a ponta da língua toca em três pontos consecutivos do palato para encostar, ao três, nos dentes. Lo. Li. Ta” (NABOKOV, 2011, p.13)

Essa paixão exacerbada e essa descrição deslumbrada é algo muito tangível ao leitor e fácil de trazer uma identificação, já que histórias de amor foram escritas e apresentadas em grande quantidade ao longo dos séculos, dado que o amor ou a paixão é um tema que não se acaba e está aberto a retomadas e novas variações.

Segundo Lebrun, “a paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso.” (LEBRUN, 1987, p.13) Humbert dificilmente reage por impulso em suas ações. Não que ele seja indiferente ao que sente, mas por conta do caráter proibido do desejo que ele sente por Lolita, ele sempre acaba esperando que ela aja de um jeito que possa ser interpretado como iniciativa, para dizer ao leitor que ele foi apenas seduzido por ela e não teria como não corresponder. Todas as suas ações dentro da narrativa são pensadas inúmeras vezes a fim de saciar os seus desejos e mostrar ao leitor que ela possui tanta atuação no que se passa quanto ele, criando uma impressão interpretativa de algo consensual.

De acordo com Khel (1987), aqueles que sentem atração por algo proibido socialmente que têm seus desejos reprimidos devem buscar direcionar esse desejo a

objetos socialmente permitidos, que é o que Humbert busca fazer ao longo de sua vida, porém acaba falhando algumas vezes, como em seu casamento com Valeria, no tempo em que ainda morava na França:

Muito de raro em raro eu recorria à sua carne cediça, só em casos de grande urgência ou desespero. O merceeiro do outro lado da rua tinha uma filhinha cuja sombra me levava a loucura; mas com a ajuda de Valeria eu encontrava afinal dentro da lei alguns escoadouros para o tormento das minhas fantasias. (NABOKOV, 2011, p. 33)

Humbert, ao trazer fatos de sua vida desde seu primeiro amor, tenta forçar uma ligação empática com seu interlocutor e, para tal, narra como advogado de si, mostrando ao leitor como ele tentou refrear a todo custo essa paixão que ele sente por crianças do sexo feminino e silenciando os momentos em que ele caiu em tentação. Portanto, quando ele cita em diversos momentos o interesse de dopar Lolita para poder fazer o que tiver vontade com ela e até mesmo quando ele toma a decisão de se casar com Charlotte Haze, a mãe de Lolita, sem ter amor por ela, o que temos é um ato de domínio sobre Dolores Haze, que é a sua verdadeira paixão, sem levantar suspeitas dos adultos ao seu redor e, com isso, expondo ao leitor que suas ações estão diretamente ligadas aos seus desejos apaixonados e recriminados pela sociedade.

Humbert como adulto responsável não deveria nem cogitar ter uma relação com Dolores, mas não é o que acontece no romance. Em sua narrativa, ele tenta se justificar o tempo todo com um uso bastante perspicaz das palavras, e mostrando ao leitor que Lolita o seduz também, que ela tem participação ativa em todas as ações que envolvem os dois como um casal, como nessa passagem:

Acreditei que meses, ou talvez, fossem passar antes que eu ousasse declarar-me para Dolores Haze, mas em torno das seis da manhã ela estava totalmente desperta, e às seis e quinze já éramos tecnicamente amantes. E vou contar-lhes uma coisa muito estranha: foi ela quem me seduziu. (NABOKOV, 2011, p.155)

Dessa forma, Humbert Humbert quer mostrar que não estaria cometendo um crime ao se relacionar com Lolita, já que ela da mesma forma o queria como amante, além de reforçar que o seu desejo por ela poderia ser tão comum quanto qualquer outro, pois havia consentimento e encorajamento de ambas as partes. Isso é uma característica da escolha narrativa de Nabokov que, ao decidir narrar apenas a partir

do ponto de vista de Humbert, não deixa o leitor acompanhar os pensamentos de Lolita sobre isso tudo. É por meio dessa narração que ele reforça em vários momentos que Lolita também é um ser sexualmente ativo e que ele está tão à mercê dela quanto ela está dele como, por exemplo, na fala dele após a primeira relação sexual dos dois: “Por que então este horror de que não consigo me livrar? Tê-la-ei privado da sua flor? Sensíveis senhores do júri, sequer fui seu primeiro amante.” (NABOKOV, 2011, p. 158).

Humbert quer desfazer a imagem de menininha que o leitor poderia vir a criar sobre Lolita, já que ter vários amantes não é um comportamento ligado ou esperado de crianças. Assim, ele consegue introduzir mais uma faceta de Lolita que o leitor ainda não tinha tido acesso, e mais uma vez mostra como o desejo é um sentimento importante para desvendar a natureza da relação entre os personagens, e também como esse sentimento pode trazer à tona o melhor ou pior da personalidade deles dentro da narrativa. Foucault pensa sobre esses sentimentos no segundo volume da *História da Sexualidade*, quando ele fala que “na experiência dos *aphrodisia*, em compensação, ato, desejo e prazer formam um conjunto cujos elementos, é verdade, podem ser distinguidos, mas que são fortemente associados uns aos outros.” (FOUCAULT, 2020, p. 53)

Entendendo a *aphrodisia* como atos, gestos e contatos voltados à busca de prazer carnal entre indivíduos, por mais que os personagens tentem repreender esses desejos que eles sentem um pelo outro, eles não conseguem negar a natureza de tais emoções, muito menos se negar ao prazer desses contatos ou gestos e isso faz com que a relação deles se torne cada vez mais complexa na narrativa, uma vez que o que ocorre é sedução de ambas as partes, de acordo com o narrador.

Nabokov resolve falar sobre desejo e paixão na pior perspectiva possível perante a sociedade, que seria a relação de um homem adulto com uma criança, ao descrever essa relação ele quer exemplificar que estamos todos suscetíveis ao poder persuasivo que o discurso bem articulado pode fazer, principalmente se esse discurso tiver como justificativa um sentimento tão apreciado pela cultura ocidental como o amor. E ainda que Nabokov consiga que o leitor sinta empatia pelo seu narrador cheio de falhas e acredite nessa história de amor como verdadeira, essa é só uma das facetas dos atos descritos.

O ideal moral de paixão entre pessoas é totalmente invertido no romance, a fim de trabalhar essas emoções de uma maneira bem diversa e até mesmo chocante para

os mais sensíveis, tudo isso graças a literatura que permite ao escritor desenvolver as mais diversas realidades dentro de sua narrativa afim de trabalhar suas temáticas. Khel afirma que “as civilizações são construídas sobre a matéria bruta das paixões”. (KHEL, 1987, p. 539) Escrever sobre essas emoções faz parte de quem somos e do que buscamos nas nossas relações com os outros. Logo, é obvio que isso iria reverberar nas artes, em específico na literatura que é a área que o corpus desse trabalho se encontra. Desse modo, esses sentimentos que Humbert e Lolita sentem um pelo outro no romance é desenvolvido de maneira que leve o leitor a ver eles como mais uma história de amor dentre tantas existentes na literatura.

### 1.2 *Manipulação e silenciamento do narrador*

Os discursos têm caráter significativo dentro de uma sociedade que tem como base comunicativa a linguagem, esses discursos sempre falam algo a alguém, e esse algo tem significado dentro do contexto social daquele que fala. O silêncio seria o antônimo disso tudo, já que ele é a ausência da linguagem, e seguindo essa lógica não teria significado. No entanto, segundo Orlandi (2007): “O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”. E é nessa perspectiva que essa análise deve seguir para evidenciar todo o caráter manipulativo do discurso silencioso presente no livro. Como o corpus desse estudo é uma obra literária, não se pode deixar de levar em consideração questões acerca da ficção. Pois é nela que se deixa a porta aberta para o imaginário do autor sobre as possibilidades em sua narrativa, e isso gera ao leitor uma gama de possibilidades interpretativas. Todos os aspectos do romance devem ser considerados na hora de analisar seus possíveis significados, por isso que a narração desse livro tem tanta ambiguidade. O que Nabokov gera a partir de sua escrita é um leitor que questione o tempo todo sobre o que está lendo e na veracidade dos fatos narrados. James Wood comenta sobre essa característica presente na narração de Humbert Humbert:

Pensem no mordomo de Kazuo Ishiguro em *Os resíduos do dia*, ou em Bertie Wooster, ou mesmo em Humbert Humbert. Sabemos que o narrador não está sendo confiável porque o autor, numa manobra confiável, nos avisa dessa inconfiabilidade do narrador. Há aí um processo de sinalização do autor; o romance nos ensina a ler o narrador. (WOOD, 20011, p.20-21)

É nas escolhas narrativas do autor que o leitor vai achar um meio de analisar

os eventos ocorridos no romance, já que só se tem um ponto de vista. O romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov relata o enlace amoroso entre Humbert Humbert, um homem de meia-idade com um passado suspeito e cheio de segredos que se apaixona perdidamente por uma garotinha de 12 anos chamada Dolores Haze, ou como ele resolve chamá-la Lolita. O romance é narrado em primeira pessoa do ponto de vista de Humbert, que é esse narrador extremamente manipulativo nas suas ações e escolhas de palavras e sedutor aos que estão ao seu redor, ele também usa do silêncio para se safar de possíveis julgamentos ou para evitar que o leitor tire conclusões sobre a sua personalidade dissimulada.

O silêncio aqui é tão importante quanto o que é dito para poder se compreender o romance, já que segundo Orlandi: “O implícito é o não-dito que se define em relação ao dizer. O silêncio, ao contrário, não é o não-dito que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído.” (ORLANDI, 2007, p.102)

Na obra, o narrador não quer dizer para não significar ao leitor como quando, por exemplo, ele menciona sua internação em uma clínica psiquiátrica ao leitor, porém sem citar o motivo. Essa informação não é jogada ao acaso na narrativa, ela serve para fazer o leitor se questionar sobre o caráter de Humbert e passar a pensar melhor sobre os fatos narrados. Nabokov cria um Humbert que faz um uso do silêncio para manipular a opinião do leitor sobre as ações do romance, visto que a maioria delas são de caráter criminoso. Seja no desejo dele de se aproveitar de meninas, de matar a mãe de Lolita, de dopar a sua enteada ou até mesmo quando eles começam a viver como amantes, se Humbert fosse mais explícito, ele poderia ser mal interpretado. De acordo com Eni Orlandi:

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “pode dizer”. Pensando essa contextualização em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso. Com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas desejáveis, em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2007, p.73)

Porém ao usar o silêncio como artifício narrativo Nabokov faz com que seu narrador também gere significado, mesmo que seja sem querer, uma vez que o silêncio também significa por si e isso faz com que os leitores tirem suas próprias conclusões. Em diversos momentos do romance, Humbert opta pelo silêncio ao invés

de fazer ou falar algo que possa acarretar significações para o leitor.

O discurso manipulativo de Humbert também é algo a ser analisado, visto que, é assim que ele consegue realizar seus atos questionáveis sem sofrer as consequências. Ele usa de pequenas confissões para ir mostrando seus pensamentos e ações questionáveis. Quando por exemplo ele usa o termo ninfeta para categorizar essas meninas entre 9 a 14 anos que despertam seus desejos:

Agora quero apresentar a seguinte ideia. Entre os nove e os catorze anos de idade, ocorrem donzelas que, a certos viajantes enfeitiçados, duas ou muitas vezes mais velhos do que elas, revelam sua verdadeira natureza que não é humana, mas nínfica (isto é, demoníaca); e essas criaturas predestinadas proponho designar como ninfeta. (NABOKOV, 2011, p. 21)

No trecho acima, ele tenta fazer com que o leitor deixe de ver essas meninas como simples criancinhas e passar a enxergá-las como seres sexuais capazes de seduzir homens mais velhos como ele, ao dissociar suas imagens da pureza e inocência, e mostrar que não é toda menininha que se encaixa nesses padrões de ninfeta. As atitudes do protagonista são tão marcadas por sedução manipulativa que, como já mencionado, ele consegue passar despercebido para médicos de uma instituição psiquiátrica: "Subornando uma enfermeira, adquiri acesso a certos arquivos e encontrei, para o meu grande regozijo, fichas que me definiam como "potencial homossexual" e "totalmente impotente". (NABOKOV, 2011, p.42) O leitor sabe que ele não era nenhuma dessas coisas, mas compreende a partir desse momento que a capacidade manipulativa do discurso de Humbert é muito grande e que se ele conseguiu enganar profissionais da área da saúde, ele também terá essa facilidade com crianças como Dolores Haze.

O silêncio é usado no texto literário como parte fundamental para a compreensão da obra como um todo, por causa desses não ditos do narrador o leitor passa a entender melhor sua personalidade. Entretanto, a manipulação aqui é dupla: tanto o leitor é seduzido pela escrita de Nabokov como os outros personagens são também seduzidos por Humbert Humbert na narrativa, o que nos leva a perceber que graças ao controle preciso do que é relatado, os leitores e estudiosos podem ter diversas interpretações sobre o romance.

A ambiguidade da obra faz dela um prato cheio para estudiosos das letras que veem no silêncio significado. Para Orlandi: "A "legibilidade" do silêncio nas palavras só é tornada possível quando consideramos que a materialidade significativa do

silêncio e da linguagem diferem e que isso conta nos distintos efeitos de sentido que produzem.” (ORLANDI, 2007, p. 67).

O fato de a linguagem e do silêncio terem significados diferentes na obra é o que gera seus respectivos significados dentro da narrativa, uma vez que, é em sua discrepância que o leitor vai interpretar a ambiguidade dos fatos narrados por Humbert. Por isso que essa obra segue polêmica até hoje, pois Vladimir Nabokov criou uma narrativa tão intrínseca e personagens tão complexos em suas ações e pensamentos que certos clichês não se encaixam na hora de analisar o romance e fazem com que estudos sobre a obra sigam relevantes mesmo após 65 anos depois da publicação.

## CAPÍTULO II

### UMA ANÁLISE DA MANIPULAÇÃO DISCURSIVA DO NARRADOR: HUMBERT HUMBERT E O DITO.

Nesse capítulo, nosso foco é no trabalho das abordagens manipulativas usadas pelo narrador no romance e como esses acontecimentos narrados são significativos para a construção do enredo. Em *Lolita*, a narração em primeira pessoa é de suma importância para se compreender o personalismo manipulativo de Humbert. É graças à narração em primeira pessoa que o leitor pode formar diversas interpretações dos acontecimentos narrados. Segundo Jonathan Culler (1999), o enredo é o material narrado ou apresentado a partir de um ponto de vista, através do discurso. É a narração que vai fazer o enredo tomar um curso específico na obra, e isso é que transforma a narração de *Lolita* na parte crucial dessa pesquisa. A perspectiva é algo que se deve sempre levar em consideração quando se fala de narração em primeira pessoa, uma vez que é esse discurso da perspectiva de Humbert que vai ser analisado, ele é o ponto chave para que a obra possa gerar significado ao leitor.

O narrador do romance é Humbert Humbert, um homem adulto que tem por volta dos seus 40 anos que nasceu em Paris e vai morar em Ramsdale nos Estados Unidos. Humbert foi escritor e já trabalhou como professor e a partir dessas informações o leitor já pode inferir que ele tem certo domínio sobre as palavras e, por isso, pode ser bastante persuasivo. Quando Humbert nos narra o período em que viveu na França, comenta também sobre seus desejos por crianças e como esse desejo não é algo recente em sua vida, isto é, esse sentimento não é algo que surgiu na vida de Humbert por causa de Lolita, como pode se ver abaixo:

Quando tinha ou trinta e poucos anos, não entendia meus tormentos com a mesma clareza. Enquanto meu corpo sabia o que desejava, minha mente rejeitava cada apelo do corpo. Num momento eu estava acabrunhado pela vergonha e o medo, no seguinte era tomado por um intrépido otimismo. Os tabus me estrangulavam. Psicanalistas me acenavam com a pseudoliberação ou pseudolibido. O fato de que para mim os únicos objetos de trepidação amorosa fossem as irmãs de Annabel, suas pequenas aias ou damas de companhia parecia-me às vezes um prenúncio da insanidade. Noutros momentos, eu dizia que tudo era uma questão de atitude, que na verdade

não havia nada de errado em ser afetado à loucura por garotinhas.  
(NABOKOV, 2011, p.24)

Mesmo ao confidenciar sobre sua atração por menininhas, Humbert não deixa de tentar ganhar a compaixão do público, visto que, ele reconhece o quão errada é essa atração que ele sente e que está tentando reprimir esse comportamento desde o início de sua vida, porém esses desejos são mais fortes que ele. Isso serve para apresentar ao leitor a personalidade de Humbert, mostrando que ele tem total domínio do texto e é um narrador extremamente inteligente e manipulativo, com plena consciência de seus atos e o tempo todo usa de um discurso esteticamente sedutor para justificar suas ações questionáveis no romance.

De acordo com Orlandi, “é recorrendo ao já-dito que o sujeito ressignifica. E se significa.”. (ORLANDI, 2007, p.88). O silêncio e a manipulação são as principais características da narração de *Lolita*, uma vez que, na obra o narrador usa do silêncio para manipular o leitor, e por isso essas características presentes no texto tem que ser analisadas e repensadas a todo momento. No entanto, é preciso pensar também sobre aquilo que é materializado pelo narrador, pois o já-dito compõe o mosaico das entrelinhas discursivas.

Cada pequeno detalhe sobre si que o narrador vai soltando ao longo do romance vai servir ao leitor como uma peça de um quebra-cabeça, que ao final, o leitor vai montar para construir a personalidade de Humbert.

O discurso manipulativo é utilizado em uma tentativa de ludibriar o público, não é que o amor ou romance romântico entre Humbert e Dolores Haze e as outras garotinhas com que ele se envolveu no passado não fossem verdadeiros, o caráter polemico da obra ganha força exatamente por essa verossimilhança. É que por meio da manipulação discursiva que Humbert quer fazer o leitor normalizar, ou em outras palavras, tornar esse comportamento pedófilo do narrador socialmente aceitável. Ainda nas páginas iniciais do romance, pode-se ler certas situações em que isso acontece:

Querida, estamos só brincando! Como eram maravilhosas as aventuras que eu imaginava, enquanto fingia, sentado num duro banco do parque, estar imerso nas páginas trêmulas de um livro. Em torno do estudioso circunspecto, ninfetas brincavam à vontade, como se ele fosse uma estátua conhecida ou parte da sombra e do esplendor de uma velha árvore. Certa vez, uma pequena beldade perfeita de saia xadrez apoiou com estrépito a pesada blindagem do seu pé no banco, bem ao meu lado, para afundar em mim seus braços delgados e nus e apertar a correia dos seus patins, e me dissolvi ao

sol, com meu livro por folha de parreira, enquanto seus cachos acobreados despejavam-se sobre o joelho esfolado, e a sombra das folhas que eu compartilhava pulsava e se derretia em seu braço radioso bem ao lado do meu queixo de camaleão. Outra vez, uma escolar ruiva segurou-se na alça diante de mim no *métro*, e a ferruginosa revelação axilar que eu captei permaneceu no meu sangue por semanas. Eu poderia enumerar um grande número desses diminutos romances unilaterais. (NABOKOV, 2011, p.25)

No trecho acima, Humbert está lendo um livro em um parquinho, um lugar onde, normalmente, pode-se encontrar uma grande quantidade de crianças. Ele vai até esse local exatamente por causa disso, pois essa é uma maneira de ficar próximo às “ninfetas” dos mais variados tipos. Humbert usa o termo ninfeta para gerar um distanciamento semântico entre as garotas e a infância e assim lembrar ao público de que elas não são apenas crianças indefesas e sim seres sexuais. Ele não quer gerar suspeitas sobre seus desejos e fazer parecer que ainda não ter coragem de cometer algum ato contra a integridade dessas crianças. No entanto, por mais que ele tente resistir, a vontade de estar próximo ainda existe e Humbert as assiste e torce por uma pequena oportunidade de contato.

Por mais que Vladimir Nabokov tente dar um verniz amoroso a certas condutas de Humbert, há momentos em que o que o narrador diz torna evidente a personalidade perigosa do narrador. Entretanto, mesmo quando está expondo os fatos, Nabokov tenta manipular o público e um exemplo disso é quando Humbert explica seus desejos por analogias cristãs: “Humbert era perfeitamente capaz de relações carnavais com Eva, mas era Lilith que ele desejava.” (NABOKOV, 2011, p.25).

Ao assumir sua cobiça por crianças ele as compara a Lilith que, dentro da crença religiosa e do saber popular, é considerada uma mulher sensual e dona de sua própria opinião<sup>1</sup>, então mesmo quando ele assume sua atração por crianças ele as compara com algo errôneo e pecaminoso para não ser o único culpado na situação, e ao se referir a Eva ele quer articular sobre o desejo carnal por mulheres que boa parte dos homens deve sentir em uma sociedade que preza pela heterossexualidade e por relacionamentos aonde os desejos femininos sejam inferiores aos dos homens. Ele quer mostrar que é como se ele fosse fraco demais para resistir à tentação e que

---

<sup>1</sup>De acordo com Pires (2008, p. 10) : “ A figura mítica de Eva é aceita como modelo social a ser seguido. Portanto, a mulher deve reprimir o modelo de Lilith ou rejeitá-lo. Eva representa submissão, dependência, culpa, curiosidade, fraqueza, inferioridade, emotividade e maternidade. Lilith, ao contrário, é símbolo de liberdade, independência, igualdade, desejo, sensualidade, instintividade, opinião, rancor, vingança, inveja, solidão e morte.”

as meninas são Lilith, feiticeiras e conscientes do pecado e, logo, ele não teria alternativa senão cair em tentação.

No primeiro capítulo do romance a narração já deixa bastante evidente que a escrita rebuscada vai ser usada como artifício manipulativo, seja na forma que a personagem Lolita é descrita ou no fato de ela não ser a primeira criança pela qual o narrador sente atração. Nabokov escreve que: “Sempre se pode contar com um homicida para uma prosa de estilo rebuscado”. (NABOKOV, 2011, p.13). Nesse início Humbert se coloca para o leitor como alguém que vai fazer um uso deliberado do discurso narrativo para tentar justificar sua conduta, pois como já foi dito anteriormente ele tem capacidade argumentativa e tato para tentar manipular a opinião pública.

As escolhas de palavras e termos feito pelo narrador tem o propósito de passar uma mensagem ao leitor e isso é reforçado pelo fato de Vladimir Nabokov ser um escritor que estima trabalhar esmiuçadamente a pique de seus personagens, e isso se faz evidente nas narrações de Humbert e nas descrições que ele faz dos outros personagens. Roland Barthes, em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, nos ajuda a entender certas obsessões de Humbert em *Lolita*. Em alguns momentos do romance o narrador usa do termo “adorável” para fazer descrições e conforme Roland Barthes:

De todos esses relevos do corpo tenho vontade de dizer que são adoráveis. Adorável quer dizer: este é meu desejo, tanto que único: É isso! É exatamente isso (que amo!)” No entanto, quando mais experimento a especialidade do meu desejo, menos posso nomeá-la; à precisão do alvo corresponde um estremecimento do nome; o próprio do desejo não pode produzir senão um impróprio do enunciado: Deste fracasso da linguagem, só resta um vestígio: a palavra “adorável” (a boa tradução de “adorável” seria ipse latino: é ele, é ele mesmo a pessoa). (BARTHES, 1981, p.15)

Em *Lolita*, o adorável pode ser encontrado exatamente quando o narrador falar sobre suas ninfetas, pois ao usar essa palavra para tentar definir essas meninas, Humbert procura também expressar seu desejo por elas e ao mesmo tempo mostrar que elas as criaturas que ele quer para si. Essa também é uma prova do controle que Humbert tem sobre a narrativa, pois nada escapa do seu domínio, nem mesmo o uso de um termo tão simples como adorável. Isso porque, como narrador, ele quer ganhar a confiança de seus interlocutores a todo custo. Humbert expressa seu domínio sobre qualquer coisa através de signos linguísticos afim de significar em conversações e por isso, segundo Eni Orlandi: “O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.” (ORLANDI, 2007, p.30). Muitas vezes esses signos são

subestimados em detrimento de outras formas de se exercer domínio e este é um dos motivos de a manipulação do narrador de *Lolita* ser tão eficaz, porque a narração tem plena consciência de seu poder argumentativo e domínio sobre os signos que usa para gerar significado.

A manipulação por parte de Humbert é algo tão intrigante de se acompanhar que o leitor se vê por vezes cativado pelo personagem. Humbert tem muito conhecimento argumentativo e nota a ignorância daqueles que o rodeiam e faz um uso inteligente das palavras para transformar as situações comprometedoras em coisas que o favoreçam. O romance é repleto de momentos que parecem bobos, mas que se fossem narrados de outro ponto de vista ou sem tanta força estética e discursiva, fariam o leitor ter outra opinião sobre os acontecimentos. Como na passagem destacada a seguir, em que Humbert se aproveita de Lolita quando ela se senta no colo dele:

A mais leve pressão seria suficiente para provocar o extravasamento de todo o paraíso. Eu deixara de ser Humbert o Sabujo, o vira-lata degenerado de olhos tristes aferrado à bota que se apronta para desferir-lhe um pontapé final. Eu estava acima das tribulações do escárnio, fora do alcance das possibilidades de represália. Em meu serralho de criação própria, eu era um turco exultante, vigoroso e deliberado, em plena consciência de sua liberdade, adiando o momento em que desfrutaria até o fim a mais jovem e frágil de suas escravas. Suspenso à beira daquele abismo de volúpia (uma proeza fisiológica de controle e manutenção do equilíbrio comparável a certas técnicas das artes plásticas), eu continuava a repetir-lhe palavras ao acaso — não alarmem não desarmem minha Carmen, e aáhhmem, ahahámem —, como alguém que fala e ri no sono enquanto meus ditosos dedos subiam por sua perna ensolarada até onde permitia a sombra da decência. (NABOKOV, 2011, p.72)

Se um momento como esse fosse narrado de maneira prática e sem um uso de palavras de um campo semântico que denotasse prazer a Humbert e sedução ao leitor, talvez, o efeito de sentido obtido fosse a repulsa por parte dos leitores. Aqui ele mostra que amar Lolita o faz melhor, que tudo isso não passa de uma troca de carícias entre amantes, ou melhor, ele tenta manipular o leitor ter essa visão. Roland Barthes também discorre sobre contatos entre amantes no discurso amoroso: “...todo discurso interior suscitado por um contacto furtivo com o corpo (mais precisamente a pele) do ser desejado.” (BARTHES, 1981, p.56). É a partir desses toques ou contatos que Humbert vai reforçar o seu discurso manipulativo e tentar convencer que isso que ele tem por Lolita é um sentimento amoroso puro, uma vez que eles são apenas amantes. Assim, ele vai impondo de maneira minuciosa seu domínio sobre os outros ao seu

redor e naquele que o tem como interlocutor e, quando o leitor perceber a gravidade dos atos de Humbert, já vai ter, provavelmente, desenvolvido com ele um laço empático e talvez também passe a enxergá-lo como ele se descreve e não como ele verdadeiramente é.

A mãe de Lolita, morre e Humbert finalmente tem total controle sobre a menina. Nesse momento ele descreve as roupas dela como: “Ela era toda rosa e mel, vestida com sua chita mais colorida, com um estampado de pequenas maçãs vermelhas.” (NABOKOV, 2011, p.131). O fato de ela estar vestindo com uma roupa estampada com maçãs vermelhas parece até irônico, já que isso acontece no dia em que eles se tornam amantes. É como se Humbert estivesse mordendo o fruto proibido tal qual fez Adão na Bíblia e assim finalmente se deixando cair em tentação e virando um pecador. Só que para Humbert comer do fruto proibido é como estar no paraíso, uma vez que ele sempre teve esse desejo de ter relações com ninfetas. Ao referenciar a Bíblia, Nabokov usa de um livro universalmente conhecido para dar ares mitológicos ao relacionamento entre Dolores e Humbert, como uma espécie de alfa ou Genesis para os dois.

O comportamento e personalidade de Humbert são bastante explicitados para o leitor, visto que Nabokov quer dissecar a personalidade de seu narrador e protagonista que fala por si. Contudo, o mesmo equilíbrio não se dá com Dolores Haze, pois tudo que o leitor tem acesso sobre ela passa de antemão pela ótica de Humbert, por isso é difícil montar uma opinião concreta sobre ela e de como ela está reagindo a respeito do que está acontecendo. Conforme Julian Connolly:

Como então o leitor deve saber quem é a verdadeira Dolly Haze é: ela é a vampira “nojentamente convencional” ou uma princesa de conto de fadas presa por um feiticeiro malvado? Infelizmente, ela não recebe muito da sua voz própria. Dependemos inteiramente de um narrador não confiável e egocêntrico para todas as nossas informações sobre Dolly. Ele não realmente nos conta muito do que ela mesma diz, e muitas vezes ele entrega seus (severos) julgamentos sobre os gostos e a moral dela. Frequentemente, um julgamento sumário do discurso dela é substituído por suas palavras reais. Por exemplo, ele denigre sua “reclamação intensa e veemente” (L 148) sem dizer ao leitor exatamente o que ela disse. Embora Humbert seja muito bom em observando seus atributos físicos - altura, peso, cor da pele, odor corporal, etc. - ele está muito menos interessado em seu mundo interior. (CONNOLLY, 2009, p.55, tradução nossa)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> No original: How, then, is the reader supposed to know who the real Dolly Haze is: is she the “disgustingly conventional” vamp, or a fairy-tale princess imprisoned by an evil wizard? Unfortunately, she is not given much of a voice of her own. We are entirely dependent on an unreliable and self-absorbed narrator for all of our information about Dolly. He does not really tell us much of what she says

O fato de o livro levar o nome da personagem Lolita, é também um condutor manipulativo, já que esse é o nome que Humbert deu a Dolores e não seu nome de batismo, talvez porque essa seja a versão de Dolores Haze que ele criou, uma mais adulta e sexualmente ativa. É como se Humbert se esquecesse de que Lolita é apenas uma criança como qualquer outra da sua idade e não um ser sedutor que ele criou em sua narrativa. Ainda assim, algumas vezes, encontramos momentos como o destacado abaixo:

Combinando ingenuidade e ilusão, encanto e vulgaridade, cinzentos amos e róseas alegrias, Lolita, quando cismava, podia ser uma criança muito irritante. Eu não estava muito preparado para os seus acessos de tédio desorganizado, para as suas queixas intensas e veementes, o seu estilo escarrapachado, descuidado, de olhos narcotizados, e o que ela chamava de levar na piada — uma espécie de palhaçada difusa e sistemática que, para ela, demonstrava firmeza, à maneira dos meninos desordeiros. Mentalmente, descobri que era uma menina repulsivamente convencional. (NABOKOV, 2011, p.172)

Raramente nos deparamos com descrições assim, em que a personalidade de Lolita representa a sua idade, pois Humbert normalmente sexualiza os mais simples comportamentos da menina, o que mostra, mais uma vez, que a manipulação atinge os mínimos detalhes da narrativa.

Por conta do encadeamento narrativo a partir do momento em que eles passam a ser amantes, somos introduzidos a um novo lado de Humbert que, além de manipulativo, se transforma também em um ser obsessivo e autoritário com Lolita. Agora que ele tem total acesso a Lolita, Humbert tem medo que alguém descubra sobre a relação amorosa dos dois e também que a própria Lolita passe a perceber que o que ele anda fazendo com ela é errado. Esse é o ponto de virada da relação dos dois. Nesse estágio da narrativa, Humbert tenta tirar proveito de Dolores em qualquer oportunidade por medo de que esse romance tenha que se encerrar rapidamente ou que acabe de maneira trágica. Esses sentimentos passam a ficar mais presentes na narrativa e fazem de Humbert parecer um criminoso, coisa que ele logo quer despistar da mente do leitor:

---

herself, and he often delivers his own (harsh) judgments of her tastes and her morals. Frequently, a summary judgment of her speech is substituted for her actual words. For example, he denigrates her “intense and vehement griping” (L 148) without telling the reader precisely what she said. Although Humbert is very good at observing her physical attributes — height, weight, skin color, body odor, etc. — he is much less interested in her inner world.

Minha chère Dolorès! Quero protegê-la, querida, de todos os horrores que acometem as mocinhas nas rampas de carvão ou nos becos sem saída e, aí de mim, comme vous le savez trop bien, ma gentille, nos bosques defrutinhas azuladas no mais azulado dos verões. Contra tudo e todos seguirei sendo seu guardião e, se você se comportar bem, espero que um tribunal logo possa legalizar minha tutela. Todavia, vamos esquecer, Dolores Haze, a suposta terminologia legal de “coabitação lúbrica e lasciva”. Não sou um criminoso sexual psicopata que se entrega a práticas indecentes com uma criança: Charlie Holmes a violava; eu velava por ela — e a distinção no caso é mais do que clara. Sou seu papai, Lo. Olhe, tenho aqui um livro muito fundamentado que fala de meninas. Veja aqui, querida, o que ele diz. Nas palavras do autor: a menina normal — normal, veja bem —, a menina normal geralmente se mostra extremamente ansiosa para agradar seu pai. Sente nele o precursor do homem esquivo que há de desejar. (NABOKOV, 2011, p.174)

Humbert apela ao vínculo familiar que ele tem com Lolita, já que, ao casar-se com a mãe dela, tornou-se seu padrasto. Dessa maneira, Humbert tenta expor ao leitor que no fundo ele só estava fazendo seu papel de pai e cuidando da menina. O que nem de longe é verdadeiro. Autores que investigam a sexualidade, como Michel Foucault (1976), dissertam que o sexo tenha que passar por inquisições constantes para demarcar o seu perigo. A forma como Humbert burla a lei e a fiscalização permitiu que tamanha barbaridade acontecesse no romance, coisa que não é muito diferente no mundo real.

A manipulação também passa a ser um jogo entre Humbert e Lolita, ela passa a chantagear ele para permitir que ele mantenha relações com ela como exposto nesse trecho:

Consciente da magia e do poder de sua tenra boca, ela conseguiu — ao longo de um único ano letivo! — aumentar o preço da bonificação por um enlace precioso a três ou até quatro dólares. Ó Leitor! Procura não rir enquanto me imaginas, no limiar mesmo do deleite, emitindo moedas de valores variados, inclusive reluzentes dólares de prata, como um caça-níqueis ruidoso, tilintante e totalmente ensandecido a vomitar fortunas. (NABOKOV, 2011, p.214)

Lolita começa a pedir dinheiro para comprar roupas, revistas e outras coisas fúteis e Humbert a presenteia sem pensar duas vezes. Porém, até esse fato Humbert usa para manipular a opinião que o leitor pode vir a ter da situação, uma vez que, Humbert quer salientar que Lolita também tira proveito da situação e da mesma forma sai ganhando algo e, portanto, o que ele estaria fazendo não seria tão horrível, já que ele a agrada em troca. Assim, a angústia passa a tomar posse das ações de Humbert

no romance, que em concordância com Roland Barthes (1997), que fala desse sentimento em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, lá ele desenvolve que a angústia é uma emoção que se deixa levar pelo medo do abandono ou revolta do ser amado. Com isso, com o passar do tempo, a situação dos dois se transforma em algo insustentável e a pobre Dolores começa a rejeitar Humbert e tudo que ele faz com ela. Durante a narrativa, Humbert já tinha deixado escapar que Lolita sofre por estar nessa situação, seja chorando depois que os dois tem relações ou gritando com ele. Esses são momentos que no início acontecem brevemente para não chamar a atenção do leitor, mas que ao final começam a acontecer com maior frequência na narrativa. A angústia de Humbert não é só de perder Lolita, mas também de ser flagrado por alguém e acabar tendo seus desejos obscuros descobertos:

Muitas vezes tive a sensação de que vivíamos numa casa de vidro plenamente iluminada, e que a qualquer momento algum rosto enrugado de lábios franzidos iria espiar por uma janela descuidadamente desguarnecida de cortinas e vislumbrar coisas que o mais embotado dos voyeurs se disporia a pagar uma pequena fortuna para assistir. (NABOKOV, 2011, p.210)

Assim ele deixa claro que sabe da gravidade de seus atos e como esses mesmos atos também agradariam outros homens que têm atração por crianças. Como resultado da falta da narração de Dolores, todo drama vivido por ela serve para engrandecer a figura do narrador e isso pode ser considerado um movimento manipulativo para Humbert sair ileso dos julgamentos dos leitores. Humbert vende a história dos dois como algo romântico e qualquer trecho erótico mais explícito e menos enxertado por floreios estéticos é removido para que o leitor não ache que o livro seja um relato pornográfico e sim de uma história de amor.

### **CAPÍTULO III**

#### **ASPECTOS DISCURSIVOS: O SILÊNCIO COMO SIGNIFICANTE NA NARRAÇÃO.**

Nesta parte, trabalharemos os pontos da obra que referem-se ao silêncio discursivo de Humbert Humbert e como essas questões são fundamentais para se entender a narrativa. O silêncio para Orlandi, como vimos anteriormente, é gerador de significados e a escrita de Nabokov materializada em Humbert cerca o leitor de não ditos para fazer com que seu potencial público tenha mais empatia por seus atos e não veja tudo que está acontecendo de maneira ruim. Orlandi complementa:

Escrever é uma relação particular com o silêncio. A escrita permite o distanciamento da vida cotidiana, a suspensão dos acontecimentos. Ela permite que se signifique em silêncio. Assim, há autorreferência sem que haja intervenções da situação ordinária (a censura) da vida: o autor escreve para significar (a) ele-mesmo. (ORLANDI, 2007, p.83)

Ao criar um personagem tão complexo como Humbert Humbert para narrar, Nabokov quer mostrar para os leitores que na realidade as pessoas não são maniqueístas, mas que o ser humano é multifacetado, cheio de falhas e também capaz de praticar tanto o bem quanto o mal a qualquer um. É essa personalidade cheia de falhas que faz os silêncios do narrador verossímeis e tangíveis ao público, já que, ao contar qualquer história de um único ponto de vista o narrador em geral vai tentar se desvencilhar dos atos ruins que venha a ter cometido.

Humbert é uma criatura peculiar que faz uso consciente de uma escrita rebuscada para contar a sua versão dos fatos. Ele omite momentos importantes ou simplesmente descreve esses momentos subtraindo e subvertendo pequenas informações que ao final são essenciais para ajudar o leitor a formar sua opinião sobre os fatos, como nesse trecho em que Humbert deixa escapar como ele imagina que Dolores vai voltar da colônia de férias: “De repente imaginei Lo voltando da colônia de férias – bronzeada, quente, sonolenta, drogada – e estive a ponto de chorar de paixão e impaciência.” (NABOKOV, 2011, p. 94).

Na passagem acima, o narrador usa os vocábulos “sonolenta” e “drogada” para se referir a situação que ele queria que Lolita estivesse quando eles se encontrassem, mas o que ele faria com ela em tais circunstâncias não é especificado ao leitor e isso faz com que aquele que lê só possa tentar pressupor os atos do narrador. No entanto, para o desejo de Humbert se manifestar em tais condições, o que ele faria com ela só poderia ser algo desprezível.

Esse desejo de drogar Lolita é uma ideia recorrente na narração de Humbert. Ele fantasia a planeja que se Lolita estiver dopada, ela irar ser finalmente silenciada no sentido mais literal possível. Então por que silenciar ela totalmente seria tão crucial? Se Dolores estivesse apagada, não poderia ver o que Humbert iria fazer com ela e assim não surgiria nenhum trauma na menina. Quando Humbert afinal consegue drogar Dolores na primeira noite deles no Hotel Palácio dos Caçadores Encantados ele descreve:

Se me estendo com algum detalhe sobre os tremores e tateios dessa noite distante, é porque faço questão de provar que não sou, nunca fui e jamais poderia ter sido um bruto salafrário. As regiões gentis e oníricas através das quais eu avançava a custo eram patrimônio dos poetas — e não o território onde o crime espregueira. Tivesse eu chegado à minha meta, meu êxtase teria sido toda suavidade, um episódio de combustão interna cujo calor ela mal teria sentido, mesmo que estivesse totalmente desperta. Mas eu ainda esperava que ela pudesse ver-se engolfada aos poucos por um estupor completo que me permitisse saborear mais que um relance tênue da sua aura. E assim, entre uma e outra tentativa de aproximação, com uma confusão perceptiva que a metamorfoseava em manchas de luar ou numa moita fofa e florescida, sonhei que voltava à consciência, sonhei que continuava à espregueira. (NABOKOV, 2011, p.154)

No trecho recém citado, Humbert usa de outros vocábulos para mencionar os órgãos sexuais de Lolita e também de uma escrita com aparente refinamento estético para descrever o que ele estaria ou gostaria de fazer com ela, já que, por Humbert usar tantas palavras oníricas para descrever o momento faz com que fique confuso de se entender o que está acontecendo. Essa é o método de silenciamento mais utilizado por Humbert no romance, ao construir essa narrativa complexa ele não expõe diretamente o que aconteceu e assim impossibilitando de julgamentos serem feitos a respeito da situação.

Quando Humbert Humbert descreve Lolita ele deixa de retratar características que faria o leitor lembrar que ela é apenas uma criança de 12 anos e também como ela reage ao ter contato com ele, como nessa passagem do romance: “Gostaria de

descrever o rosto dela, seus gestos – e não consigo, porque meu desejo por ela me cega quando ela está por perto.” (NABOKOV, 2011, p.53). No trecho, Humbert nem sequer consegue passar ao leitor qualquer traço da aparência ou dos gestos de Lolita porque está cego de desejo e isso faz com que não se possa criar uma personalidade para Lolita nesses momentos e muito menos ter ciência de como ela reagiu.

O discurso amoroso presente entre Humbert Humbert e Dolores Haze ganha força no silenciamento da situação vivida entre os personagens e nos momentos cruciais só se pode supor o que aconteceu de verdade e se torna difícil tomar partido ou ficar de lado de apenas um dos personagens. Se usássemos apenas as informações que nos foram narradas sem inferir nada sobre o que se passou, acabaria perdendo-se o caráter dubio tão característico da narração. Como nesse trecho:

Entretanto, não vou entediar meus instruídos leitores com uma descrição detalhada da presunção de Lolita. Basta dizer que nem o mais ínfimo vestígio de pudor detectei naquela linda jovem ainda em formação, que a escola mista moderna, os maus modos da juventude, a atividade criminosa de exploração das colônias de férias e assim por diante haviam depravado total e irremediavelmente. Ela via o ato simples como parte integrante do mundo furtivo dos jovens, que os adultos desconheciam. O que os adultos fizessem com o fim de procriar não era da conta dela. Minha vida estava nas mãos da pequena Lo, que a tratava de uma maneira vigorosa e trivial, como se fosse algum dispositivo insensato sem conexão comigo. Embora ansiosa para impressionar-me com o mundo dos jovens calejados, não estava totalmente preparada para certas discrepâncias entre a vida de uma menina e a minha. Só o orgulho a impediu de desistir; porque, em minha estranha provação, simulei uma estupidez suprema e deixei que ela fizesse como queria — pelo menos enquanto eu conseguisse suportar. (NABOKOV, 2011, p.156)

Na passagem acima Humbert deixar de narrar em detalhes a primeira relação sexual dele com Lolita para fazer com que o leitor não o veja como um podofilo. E mesmo nessa pequena descrição não tão explícita, Humbert faz questão de colocar toda a iniciativa do ato em Lolita, reforçando novamente uma personalidade carregada de sexualidade para a criança. Se Lolita fosse a responsável por narrar essa cena muito provavelmente o leitor deixaria de acreditar na possibilidade da inocência de Humbert nessa situação, então como seduzido que não narra como tudo se sucedeu ele se sobressai melhor aos olhos do público.

O silêncio em *Lolita* não parte apenas do narrador ao leitor, pois Humbert também esconde de Dolores certas informações para fazer com que ela ceda a suas vontades e só revela essas informações quando o silenciamento delas deixa de surtir efeito sobre Lolita. Um dia antes de Humbert e Lolita terem sua primeira relação

sexual, a mãe de Lolita, Charlotte Haze, faleceu ao ser atropelada quando sai correndo de casa depois de descobrir, por meio dos diários de Humbert, os sentimentos que ele tinha pela filha e o desprezo que Humbert sentia pela própria Charlotte. Humbert, ao encontrar Lolita, omite dela essas informações, pois ele tem consciência que se contar muito provavelmente ele não conseguiria ter relações com a recém órfã. E mesmo após Humbert assumir que se aproveitou dela em um momento de fragilidade, já que agora Lolita não tem família, ele faz questão de romantizar o momento como se pode observar no fragmento abaixo:

Ela era órfã. Era uma criança solitária, absolutamente desamparada, com quem um adulto de corpo pesado e cheiro desagradável travara um intercuro vigoroso três vezes naquela mesma manhã. A realização desse sonho de uma vida inteira podia ou não ter ultrapassado todas as expectativas, mas de certo modo atingira seu alvo com um excesso de chumbo — e convertera-se num pesadelo. Eu fora descuidado, estúpido e ignóbil. E, para ser perfeitamente franco: de algum ponto do fundo daquele torvelinho sombrio, senti um novo despertar do desejo, tão monstruoso era meu apetite pela infeliz ninfeta. Mesclada às pontadas da culpa estava a aflição perante a ideia de que seu humor pudesse impedir-me de tornar a fazer amor com ela assim que encontrasse uma conveniente estrada secundária onde pudesse estacionar em paz. Noutras palavras, o pobre Humbert Humbert sentia-se horrivelmente infeliz, e enquanto seguia dirigindo com firmeza e sem propósito na direção de Lepingville, revirava os miolos à procura de algum gracejo que lhe permitisse ousar virar-se para a companheira de viagem. (NABOKOV, 2011, p.164)

No início do trecho ele parece cometer um deslize ao relatar com sinceridade o que aconteceu no momento em que eles fizeram sexo. No entanto, mesmo Humbert confessando que talvez essa relação tenha sido desagradável para Dolores, ainda assim, o narrador não consegue deixar de idealizar quando isso poderá acontecer novamente. Curioso notar que Humbert usa vocábulos como “podre” e “infeliz” para referir a si próprio e não à desprotegida Lolita que posteriormente se revela usada por ele.

Conforme Jonathan Culler (1999): “O enredo ou história é o material que é apresentado, ordenado a partir de um certo ponto de vista pelo discurso (diferentes versões da “mesma história”)”. Dessa forma o que Vladimir Nabokov apresenta ao leitor é um relato não habitual de um ponto de vista polêmico. Assim Humbert que é esse narrador repleto de falhas se aproveita da natureza controversa da situação que se encontra para justificar mais uma vez seus silêncios, porque se houvesse uma descrição concreta dos momentos íntimos de Humbert e Dolores nos mais vividos detalhes, a obra Lolita deixaria de visto com uma ótica amorosa ou passiona

passaria a ser um livro pornográfico, que só traria entusiasmo àqueles que também praticam os mesmo atos questionáveis que Humbert e acreditam na normalização de relacionamentos da mesma natureza.

Lolita também não precisa necessariamente falar para fazer com que o leitor entenda que ela está ciente da situação a qual está exposta, nos poucos momentos em que ela ganha voz na narrativa suas ações acabam falando mais que as palavras. Quando Humbert e Lolita passam a viajar pelos Estados Unidos, Lolita, em alguns momentos, chora durante a noite e Humbert escuta tudo enquanto finge dormir para continuar disfarçando que está tudo bem. Nesse momento do romance, Dolores só precisa que o leitor preste a atenção na sua falta de palavras, como nessa passagem em que Humbert e Lolita acabam brigando:

Foi uma cena estridente e repleta de ódio. Eu a segurei pelo pulso protuberante e ela não parava de se virar e contorcer para todos os lados, tentando sub-repticiamente encontrar um ponto fraco a fim de desprender-se num momento propício, mas eu a subjugava com bastante força e na verdade lhe causava bastante dor, o que espero venha a causar o apodrecimento do meu coração, e uma ou duas vezes ela puxou o braço com tamanha violência que temi que seu punho pudesse partir-se, e o tempo todo ela me fitava com aqueles olhos inesquecíveis onde a cólera gelada batalhava as lágrimas ardentes, nossas vozes afogavam o toque do telefone, e quando percebi sua campainha ela escapou na mesma hora. (NABOKOV, 2011, p.239)

O contato agressivo entre os dois acontece e Lolita até poderia falar e gritar tudo o que ela sente sobre a situação, mas a fuga dela de Humbert pode ser interpretada como falta de vontade de estar no mesmo ambiente daquele que a maltrata. Nunca saberemos o real ponto de vista por parte de Dolores e é a partir do caráter narrativo que se passa um dos maiores silenciamentos percebidos, que é o ponto de vista monopolizador autodiegético.

A infância e os sonhos de Dolores de certa forma também são em prol dos desejos de Humbert. A menina se vê em um relacionamento repleto de práticas sexualizadas em que nem deveria se encontrar. Segundo Julian Connolly:

Além do mais, Humbert é tão sonhador quanto Dolly, mas enquanto os sonhos dela são de fato comuns e convencionais (e graças a Deus por isso), os de Humbert são sonhos são perversos e destrutivos. (CONNOLLY, 2009, p.57, tradução nossa)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No original em inglês: What is more, Humbert is just as much of a dreamer as Dolly. But while her dreams are indeed ordinary and conventional (and thank goodness for that), his own dreams are perverse and destructive.

Lolita é uma menina comum e todas as características da personalidade dela reforçam isso. O fato de ela passar por algo horrível ao se relacionar com Humbert só mostra que um ideal de normalidade vai sendo criado na cabeça dela e que ela tenta levar para a vida adulta.

Humbert também omite informações quando o assunto é a sua sanidade mental. No início do romance ele relata brevemente sua internação em uma clínica psiquiátrica e ao descrever esse momento, Humbert assume que manipulou os doutores para eles darem um diagnóstico errôneo para si. Quando Dolores foge de Humbert com Clare Quilty, Humbert expõe mais uma vez que acabou tendo que ser internado nessa passagem: "... depois de passar o restante do inverno e a maior parte da primavera seguinte num sanatório de Quebec onde já me internara antes..." (NABOKOV, 2011, p.298). Repete-se o padrão da primeira internação, pois o leitor não tem uma explicação do porquê que ele foi parar nesse sanatório ou quanto tempo ele passou lá. O que dá para inferir desse pequeno trecho é que se Humbert tivesse sido sincero com a equipe médica do sanatório provavelmente teria sua natureza pedófila descoberta e tratada. Em concordância com Foucault:

O que quer dizer, também, que a confissão ganhará sentido e se tornará necessária entre as intervenções médicas: exigida pelo médico, indispensável ao diagnóstico e eficaz, por si mesma, na cura. A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável. (FOUCAULT, 2020, p.76)

Em *História da Sexualidade*, Foucault traz um panorama das relações do ser humano com a sexualidade e com base nesse trabalho, pode-se entender que a confissão dos fatos verdadeiros é sempre melhor do que mentiras e silêncios para se resolver situações como essa. Humbert ao não falar sobre esse período da sua vida acabou fazendo da vida de outras pessoas um sofrimento, muito provavelmente se ele tivesse se tratado, o caráter dúbio da narrativa e a tentativa de equivalência de um crime com um ato de amor não existiria.

Ainda assim, a existência dos relatos presentes em *Lolita*, em tom confessional são uma espécie de cura pela verdade, mesmo que essa cura não venha pela confissão médica. São os leitores que abstraem e inferem a partir dos silêncios narrativos a existência dessa verdade que é implícita. A recepção da narrativa é o verdadeiro sanatório ao qual Humbert está sujeito. O que não podemos afirmar é se somos seus companheiros ou seus terapeutas, uma vez que a estruturação narrativa

é feita deliberadamente para gerar essa confusão, criando empatia dos leitores com os fatos presentes na obra ao dar a eles o caráter sublime amoroso.

Entretanto, o silêncio e a falta de verdade explícita na narração de *Lolita* fazem com que a personalidade de Humbert Humbert seja peculiar, ele é um narrador em que não se pode depositar confiança e por isso o leitor tem que estar atento a todos os fatos. De acordo com Roland Barthes:

Todo episódio de linguagem ligado à “sensação de verdade” que o sujeito apaixonado experimenta quando pensa em seu amor, seja porque ele acredita ser o único a ver o objeto amado “na sua verdade”, seja porque ele define a especialidade de sua própria existência como uma verdade sobre a qual não pode fazer concessão. (BARTHES, 1981, p.197)

A verdade de Humbert está cercada e atrelada ao seu discurso amoroso, como se o amor justificasse todos os atos contraditórios da relação entre os personagens, pois é um sentimento bom e que eleva o apaixonado a um estado de êxtase. Ao final do livro, Humbert começa a perceber isso: “Eu te amava. Não passava de um monstro pentápode, mas te amava.” (NABOKOV, 2011, p.332). Humbert percebe que seu amor que ele sente não é justificativa verdadeira para suas atrocidades contra Lolita. Visto que o verdadeiro laço entre eles deveria ter sido apenas o familiar de padrasto e enteada ou mesmo inexistente, já que a aproximação de Humbert com Charlotte foi movida pelos interesses eróticos de Humbert pela filha de sua então senhoria.

Em outra passagem próximo ao fim da narrativa, Humbert reforça a ideia de que ele silenciava Lolita propositalmente para seu próprio regozijo:

Sempre preferi a higiene mental de evitar a interferência. Agora, enquanto me debato e argumento com a minha memória, lembro que nessa e em ocasiões semelhantes, sempre tinha o hábito e o método de ignorar os estados mentais de Lolita enquanto me dedicava a reconfortar minha própria vileza. (NABOKOV, 2011, p. 334)

Humbert só assume isso ao leitor após se reencontrar com Lolita um pouco mais velha, para corroborar a ideia de que enquanto houvesse esperança deles ficarem juntos, Humbert amaria Lolita. No entanto, sua antiga paixão agora se encontra casada e grávida e a relação dos dois finalmente tem um fim e dessa maneira Humbert pode revelar seus atos ao leitor e a si mesmo. Nesse encontro que Humbert tem com Lolita mais madura é revelado ao leitor que ela tem problemas oftalmológicos e precisa usar óculos de grau:

Nos olhos dela, de um cinza lavado, e debaixo daqueles óculos estranhos, nosso pobre romance por um momento se viu refletido, ponderado e descartado como uma festa tediosa, como um piquenique estragado pela chuva ao qual só os mais chatos tinham vindo, como um exercício monótono, como uma lasca de lama seca colada à casca da sua infância. (NABOKOV, 2011, p.317)

Pode parecer um fato bobo, no entanto, mostra mais uma vez que Humbert não prestava a menor atenção às necessidades de Lolita e falhava constantemente em exercer a função de único parente que a restou. Também serve de marco característico antes inexistente, mas agora presente que passa a ser o símbolo do fim de tudo entre os dois já que ela amadureceu e não é mais uma ninfeta.

Os estudos do silêncio de Orlandi (2007) distingue o silêncio do implícito, já que, o implícito depende do dito enquanto o silêncio significa por si só, se descolando do sentido das palavras. Ainda assim, palavras são providas de silêncios. Cada escolha narrativa de Humbert é premeditada para construir significados específicos e assim também são seus silêncios. Mesmo que involuntários, esses silêncios fazem o leitor ver o relacionamento entre Dolores e Humbert de uma forma que permitisse não contemplar a relação dos dois de maneira positiva. Se não analisássemos o que não é dito por Humbert e que ele não relata do discurso narrativo de Lolita, o trabalho com esta obra poderia ser considerado insuficiente.

O romance de Nabokov trabalha sempre no limiar do que ele precisa dizer para não dizer, que é o que Orlandi (2007) vai chamar de “silêncio necessário”. Humbert silencia numa tentativa de escapar de olhares de julgamento, mas ao silenciar o seu discurso e consequentemente o de Lolita ele acaba gerando significados, o que leva os leitores a se atentarem ao amor proibido e manipulativo que Humbert e Lolita vivem e como toda a situação é tóxica. O que Julian Connolly disserta também corrobora esse traço na narração de Humbert: “À medida que lemos o texto percebemos que Humbert está constantemente tentando antecipar, prevenir e moldar os julgamentos e avaliações de seus leitores.” (CONNOLLY, 2009, p.30, tradução nossa)<sup>4</sup>. Dessa forma Humbert está um passo à frente do leitor. O silêncio é utilizado como uma política de contenção de danos na narração de Humbert.

---

<sup>4</sup> No original: As we read the text, we become aware that Humbert is constantly trying to anticipate, forestall, and shape his readers' judgments and evaluations.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi de analisar e expor a manipulação e o silêncio narrativo ostentado na escrita do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov. Esses aspectos da narrativa ganham maior importância por meio da análise do discurso e junto da psicanálise. Em vista disso, essas linhas de estudo foram usadas como panoramas teóricos validadores da pesquisa.

Pode-se concluir, após nossa leitura, que o narrador usa da manipulação narrativa para fazer o leitor acreditar que a relação de Humbert Humbert e Dolores Haze é consensual e romântica. É através de uma escrita sedutora e cercada de silêncios manipulativos que Vladimir Nabokov faz com que aquele que lê se veja encantado pela história de “amor” dos personagens principais. Se *Lolita* tivesse voz narrativa no romance, teríamos uma apresentação diferente dos fatos narrados por Humbert e uma visão bem menos romântica da relação dos dois, que se mostra tóxica ao longo do livro.

Nosso trabalho contribui para o acervo literário na área das análises literárias e dos discursos, já que a ficção vem de certa forma para mimetizar os comportamentos humanos existentes na vida real. A literatura nos dá acesso a novas perspectivas e a tem potencial para engrandecer nossa visão de mundo. Romances como *Lolita* servem como complemento para a compreensão e elevação de sua temática. Em vista disso, a manipulação de Humbert é um processo normal dentro da ficção e Nabokov nos convida a encarar a experiência humana sobre situações que não são tão esperadas de se encontrar com naturalidade e de forma tão explícita, seja no âmbito ficcional, seja no cotidiano extranarrativo.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland Gérard. **Fragmentos de Um Discurso Amoroso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1981.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CONNOLLY, Julian W. **A Reader's Guide to Nabokov's *Lolita***. Boston: Academic Studies Press, 2009.

CULLER, Jonathan. Narrativa. In: CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Pinheiros: Beca, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: 1. a vontade de saber**. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: 2. uso dos prazeres**. 8. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

KHEL, Maria Rita. A Psicanálise e o domínio das paixões. In: NOVAES, Adauto (org). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEBRUN, Gerard. O Conceito de Paixão. In: NOVAES, Adauto (org). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

NOVAES, Adauto (org). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva**: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

TREVISAN, Rosana (ed.). **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 15 maio 2021.

WOODS James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.